do há de relembrar, por certo, que o surto de progresso e de riqueza que, em determinada época, se verificou na Amazônia, deve-se a êsses primitivos silvícolas, que nos legaram, sem o saber, uma das mais preciosas matérias primas do mundo moderno — a *hévea brasiliensis*, a goma elástica, a borracha...

Já vimos que o antigo nome de Barcelos era *Mariuá*, toponímia histórica esquecida da pequena cidade das margens do rio Negro onde se iriam reunir, em 1758, os demarcadores de Suas Majestades de Castela e de Portugal.

Essa substituição do primitivo topônimo brasílico, que foi determinada por Mendonça Furtado, como já vimos, por aquela denominação lusitana, que para nós nada exprime, na sua inexpressiva generalidade patronímica, já é tempo de ser revogada, a fim de que prevaleça, na antiga capital da Capitania do Rio Negro, a sua velha toponímia histórica esquecida, a que estará ligada, para sempre, a história das demarcações brasileiras.

A atual cidade paraense de Faro, no município do mesmo nome, teve origem numa aldeia indígena, missionada pelos frades capuchos de Nossa Senhora da Soledade, que a denominaram de aldeia dos Jamundás, por ser ela constituida por aquêle gentio, senhores da região.

Nem outro, senão Jamundá, deveria ser o nome daquela última cidade paraense do Baixo-

Amazonas. É que o topônimo olvidado recorda, imediatamente, a lenda encantadora das Icamiabas, as mulheres guerreiras, as indígenas amazonas de Orellana...

A missão de Gurupatuba, na maloca dos silvícolas do mesmo nome, no antigo Estado do Grão-Pará, foi fundada pelos padres da Companhia de Jesus, sendo os seus primeiros missionários os padres Francisco Veloso e Manuel Pires, que por ali passaram, em 1657, quando percorriam o Amazonas até o rio Negro.

A aldeia foi missionada, depois de 1693, pelos padres da Piedade, que foram dignos sucessores dos primeiros missionários jesuítas.

A antiga *Aldeia de Gurupatuba* foi elevada à vila, em 1758, com a denominação de Monte-Alegre.

O padre Serafim Leite, na prestantíssima crônica, publicada sob o título *A fundação de Gurupatuba ou Monte Alegre, "Mirante do Amazonas"* (145), no Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, posteriormente incluida na monumental *História da Companhia de Jesus no Brasil*, na qual repõe, em seus devidos têrmos, a história daquela encantadora cidade do Baixo-Amazonas, ao referir-se à mudança para Monte-Alegre, da antiga denominação, que era Gurupatuba, declara:

---

(145) Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, de 28 de fevereiro de 1941.

"Nem sempre foram acertadas tais mudanças toponímicas. Esta, contudo, sugerida por uma vila de Portugal, em Trás-os-Montes, quadra bem à primitiva aldeia, hoje cidade. *Alegre* é, na verdade, êste sadio *Monte*, mirante risonho e pitoresco, que quebra amàvelmente a monotonia da selva oferecendo aos olhos do homem, com as serras vizinhas do Ererê, do Paituna, Iauajuri, e com a floresta e os rios Gurupatuba e Amazonas, um espetáculo que jamais se esquece, amplo, característico e nobre."

Serafim Leite, *História*, III, 272

Apesar do muito que me merece o padre Serafim Leite, pela profundidade de seus conhecimentos históricos, aliada, indubitàvelmente, a uma invulgar capacidade de pesquisador esclarecido e dotado de verdadeiro espírito científico, qualidades que se revelam, brilhantemente, não só nessa opulentíssima *História da Companhia de Jesus*, como nas *Novas Cartas Jesuíticas* e em tudo que lhe sai, escorreito, da pena hábil, discordo, neste particular, de sua opinião.

Monte-Alegre é, para nós, dêste lado do Atlântico, uma expressão toponímica sem uma característica própria, denominação absolutamente genérica, entre nós, pois a um sem número de lugares, dada a contextura do lineamento topográfico do terreno, poderia se ajustar aquêle

topônimo, genuinamente lusitano, simples reminiscência, como um verdadeiro decalque, de uma vila portuguêsa de Trás-os-Montes, como ensina o padre Serafim Leite, ao passo que a antiga denominação, a indígena *Gurupatuba*, no agreste reçumante de seu brasileirismo, nos transporta, de imediato, a êsse Brasil nascituro, a êsse encantador e primitivo Brasil dos primeiros séculos...

Êsses fatos é que levaram Couto de Magalhães a proclamar, muito acertadamente:

"Fôra muito conveniente que no Brasil conservássemos os nomes americanos, não só porque tornam mais inteligível a história do país em que nascemos, como porque descrevem sinais permanentes da região e não se confundem com os outros portuguêses, reproduzidos aqui, em Portugal, na Ásia e na África."

Couto de Magalhães, *O Selvagem*, 319

Relembram outros nomes da toponímia brasílica, ainda, quase esquecidos silvícolas, tuxáuas e caciques de poderosas tribos, como *Cucuí*, como *Darí*, como *Caboquena*, os dois últimos, infelizmente, substituidos pelos inexpressivos Lamalonga e Moreira...

Alguns nomes da toponímia da Amazônia retornaram, depois de manterem por algum tem-

po, as denominações lusitanas, as denominações indígenas, como aconteceu a *Itacoatiara*, em boa hora restabelecido à encantadora cidade amazonense do Baixo-Amazonas e a *Silves*, cujo primitivo nome era *Santana do Saracá*, chamando-se, atualmente, *Itapiranga*, ficando a denominação de *Silves* num distrito dêste último município.

E, finalmente, coisa rara na toponímia amazônica, alguns nomes lusitanos, que foram, realmente, as primitivas denominações toponímicas, substituiram-se, posteriormente, por denominações indígenas, como aconteceu, entre outros municípios — *Eça*, hoje em dia *Tefé; Vila Bela da Imperatriz*, que é hoje o município de *Parintins; Luzéa*, atualmente denominado *Maués; Vila Nova d'El Rei*, que hoje se chama *Curuçá* e, finalmente, *Lugar da Barra*, que é atualmente a capital do Amazonas, *Manaus*.

Seria profundamente sem expressão, na toponímia da Amazônia, se a encantadora cidade de Manaus se chamasse, ainda hoje, de *Lugar da Barra*.

Seria essa, verdadeiramente, uma toponímia inexpressiva, podendo batizar, indiferentemente, qualquer locativo de qualquer dos dois países onde se fala a língua portuguêsa.

Mas, ao contrário, à simples enunciação de seu atual topônimo, quem é que deixará de pensar, imediatamente, na encantadora cidade rionegrina, onde viveu a grande nação Baré...

É perfeitamente dispensável, portanto, na geografia da Amazônia, pela sua profunda inexpressividade, essa piracema de topônimos genuinamente lusitanos.

E, inversamente, como falam à sensibilidade da alma brasileira, enamorada de seu passado, êsses topônimos olvidados e que recordam tôda a história primitiva de nossa terra...

Não há, nestas palavras, entretanto, nenhuma atitude de jacobinismo, nenhuma razão de animosidade, nenhum resquício de malquerença para com a gente gloriosa que descobriu, povoou e colonizou a Amazônia, senão, e exclusivamente, um grande amor ao Brasil e, sobretudo, por êstes aspectos maravilhosos de uma época em que o Brasil amanhecia, em que era, ainda, êsse pindorama maravilhoso, mixto de lenda e de realidade.

O reconhecimento, porém, do muito que devemos à valorosa gente lusitana, que tão intensamente ajudou a fazer o Brasil, o que levou Joaquim Nabuco a proclamar que — "nada nas conquistas de Portugal é mais extraordinário do que a conquista da Amazônia" (146), não deverá impedir, contudo, que desfraldemos, aqui, como fator de brasilidade, a bandeira das reivindicações, para restaurar, na Amazônia, os seus topônimos históricos esquecidos...

---

(146) Joaquim Nabuco, *Fronteiras do Brasil e da Guiana Inglêsa*, Primeira Memória, Paris, 1903, pg. 29.

CAPÍTULO V

A TOPONÍMIA E SEUS CULTORES

SUMÁRIO — Os cultores da toponímia alienígena — A toponímia brasílica e seus cultores — A contribuição alienígena à toponímia brasílica.

A — TOPONÍMIA ALIENÍGENA

Muito se tem escrito e trabalhado, no estrangeiro, sôbre a toponímia. Apesar de ser ela, de fato, uma especialidade recente, pois o primeiro trabalho, realmente digno de ser apontado, que é *Etude sur la signification des noms de lieu en France*, de Houzé, data de 1864, o estudo dos nomes dos locativos tem sido objeto de pesquisas minuciosas, não sòmente na parte relativa à toponímia geral, como, principalmente, na atinente à toponímia regional, ambas constantemente enriquecidas com notáveis contribuições.

Entre os precursores dos estudos toponímicos aparece, como o maior dêles, Quicherat, com o já hoje famoso e histórico *De la formation française des anciens noms de lieu*, publicado em Paris, em 1867, que instituiu, com o seu

trabalho, as primeiras bases sólidas para a toponímia.

Êsse trabalho, entretanto, apesar de ser, brilhantemente, o pioneiro dos verdadeiros estudos toponímicos, não apresenta, atualmente, senão um grande interêsse histórico.

Foi com Auguste Lognon, o verdadeiro fundador da toponímia francesa e o patriarca dêsses estudos, que surgiu a verdadeira sistematização da toponímia, com a fundação, tanto na *École Pratique Hauts-Études*, como no *Collége de France*, de uma cadeira especial e com a publicação em Paris, em 1878, da *Geographie de la Gaule au sezième siécle*, que foi, para a época, a obra padrão para essa espécie de estudos.

Sôbre os trabalhos de Lognon ouçamos os justos conceitos emitidos por Albert Dauzat, consumado mestre da toponímia contemporânea:

> "Son cours, publié assez longtemps aprés sa mort (du fait de la guerre) sous le tittre *Les noms de lieu de la France*, est et restera longtemps l'ouvrage de fonds por les noms de lieux habités; on ne saurait trop louer la probité scientifique de l'auteur, la richesse de sa documentation (servie par une mémoire prodigieuse), la précision et la netteté qui faisaient tant apprécier son enseignement."
>
> Dauzat, *Noms de lieux*, 12

A partir daí os estudos sôbre a toponímia começaram a se desenvolver ràpidamente.

A principiar pela própria França, país que desempenhou, sempre, nestas atividades, um papel eminentemente pioneiro, um grande número de eruditos começou a se dedicar às pesquisas toponímicas, tanto em relação à toponímia geral como, mais particularmente, à toponímia regional, surgindo, atualmente, como os máximos representantes, da primeira, a figura invulgar de Albert Dauzat, sobretudo com *La toponymie française*, publicada em 1939 e da última Th. Parrenot, cuja obra póstuma, *La toponymie bourgonde*, publicada em 1942, representa as pesquisas de tôda uma vida.

Não menos úteis à toponímia têm sido, sem dúvida, os historiadores, os linguistas e os geógrafos.

Entre os historiadores poderemos citar Camille Jullian, que dedicou à toponímia da França algumas páginas preciosas, com a sua notável *Histoire de la Gaule*.

Em relação aos lingüistas poderemos citar, entre os celtistas, George Dottin, que ocupa, entre os estudiosos da toponímia de origem celta, um verdadeiro primado, sendo *La langue gauloise*, publicado em 1920, em Paris, um precioso breviário da toponímia francesa originária do celta e, entre os romancistas, Antoine Thomas, cujos *Essais de philologie française* e *Nouveaux essais*

de philologie française, publicados em Paris, em 1897 e 1904, respectivamente, são, ainda, as mais notáveis contribuições à toponímia francesa de origem romântica.

Entre os geógrafos que têm carreado, na França, o mais interessante material para a toponímia, poderemos citar Jean Brunhes, com o magnífico ensaio que é *Geografie humaine de la France*, publicado em 1921, em Paris.

Na Inglaterra os estudos toponímicos dispõem da *Place-names Society*, que está publicando uma notável obra sôbre os locativos britânicos.

Entre os maiores cultores do toponímia, na Inglaterra, aparecem os nomes consagrados de Zachrisson, de Mawer e, principalmente, de Joyce, com o seu formosíssimo estudo sôbre *The Origin of irish names places*, verdadeiro modêlo para os estudos toponímicos.

A toponímia conta, na Bélgica, não sòmente com uma cadeira na famosa Universidade de Liège, onde a professaram autoridades como Carnoy, Haust, Van de Wijer e Auguste Vincent, autor do magnífico trabalho *Noms de lieux de la Belgique*, como possue ainda, criada em 1927, uma *Commission Royale de Toponymie*, que publica, anualmente, uma série de trabalhos.

Entre os clássicos, nos estudos toponímicos, na Bélgica, estão Wanters, com a *Histoire de lieux environs Bruxelles ou déscritions historique des localités*, publicado em Bruxelles, em 1855-1857 e G. Kurth, com o *Glossaire toponymique de Saint-Léger*, publicado em Namur, em 1887, seguidos, modernamente, de brilhantes estudiosos — Mansion, Vannerus, Remacle e tantos mais.

Na Itália a toponímia sistemática surge com *Di alcune forme de nomini della'Italia superiore*, de Flechi, publicado em Turim, em 1871.

Contribuiram, posteriormente, para o desenvolvimento dos estudos toponímicos, secundando a obra pioneira de Flechi — Ascoli, Monaci, Pieri.

Sòmente após a primeira grande guerra, entretanto, é que se processou, na toponímia italiana, um verdadeiro renascimento.

Na Dinamarca e na Holanda existem as *Comissões de Toponímia*, existindo na Alemanha e na Suécia, além daquelas Comissões, uma cadeira de estudos especializados sôbre a toponímia, nas Universidades de Munich e de Upsala.

Em Julho de 1938 se realizou em Paris, finalmente, o primeiro *Congresso Internacional de Toponímia*, sôbre a direção de Albert Dauzat, reunindo representantes de vinte e um países, no qual ficou estabelecida, em princípio, a elaboração de um plano sistemático, nos trabalhos toponímicos, principalmente quanto aos seguintes pontos — a realização de Congressos Interna-